

**“JOB É O HOMEM MODERNO”: A MODERNIDADE, A DÚVIDA E  
O MAL EM AGUSTINA BESSA-LUÍS  
“JOB IS THE MODERN MAN”: MODERNITY, DOUBT AND EVIL  
IN AGUSTINA BESSA-LUÍS**

*Rodrigo Valverde Denubila<sup>1\*</sup>*

**RESUMO**

No ensaio “A educação na fé”, presente em *Contemplação carinhosa da angústia*, Agustina Bessa-Luís (2000) entende que a personagem bíblica Jó equivale ao homem moderno. Diante dessa percepção aparentemente anacrônica, investigam-se as razões envolvidas nessa aproximação por intermédio dos conceitos de moderno, de modernidade, de pós-moderno e de pós-modernidade, bem como pela temática fomentada pelo texto religioso, como o mal, o sofrimento e a natureza divina. Nesse percurso, ganham contornos aspectos estruturais e temáticos qualificadores da poética da romancista portuguesa, como a valorização da multiplicidade inerente ao romance como enciclopédia aberta, a pulverização de perguntas, a problemática do mal e a presença da angústia. Retoma-se a fortuna crítica acerca da autora pelas reflexões de Silvina Rodrigues Lopes (1992), assim como se vale das meditações sobre o moderno e o pós-moderno, bem como sobre o texto bíblico e sobre o mal com base em Frederico Lourenço (2017), Étienne Borne (2014), Harold Bloom (2005), Sigmund Freud (2011), Clément Rosset (1989), Andreas Huyssen (1991), Octavio Paz (2013) e Gianni Vattimo (1996).

**Palavras-chave:** Agustina Bessa-Luís; *Contemplação carinhosa da angústia*; moderno; modernidade; mal.

**ABSTRACT**

In the essay “A educação na fé”, present in *Affectionate Contemplation of Anguish*, Agustina Bessa-Luís (2000) understands that the biblical character Job equates to modern man. Given this seemingly anachronistic perception, we investigate the reasons involved in this approximation through the concepts of modern, modernity, postmodern and postmodernity, as well as by the theme promoted by the religious text, such as the evil, suffering and divine nature. In this journey, structural and thematic aspects are gaining qualifying aspects of the poetics of the Portuguese novelist, such as the appreciation of the multiplicity inherent to the novel as an open encyclopedia, the spraying of questions, the problem of evil and the presence of anguish. The critical fortune about the author is resumed by the reflections of Silvina Rodrigues Lopes (1992), as well as the valley of meditations on modern and postmodern, as well as about the biblical text and evil based on Frederico Lourenço (2017), Étienne Borne (2014), Harold Bloom (2005), Sigmund Freud (2011), Clément Rosset (1989), Andreas Huyssen (1991), Octavio Paz (2013) and Gianni Vattimo (1996).

**Keywords:** Agustina Bessa-Luís; *Contemplação carinhosa da angústia*; modern; modernity; Bad.

---

<sup>1</sup> Doutor em Estudos Literários (Doutorado Direto) pela UNESP/FCLAr, com uma tese sobre a ficção de Agustina Bessa-Luís, produzida a partir da década de 1980. Foi Professor Substituto na UFTM e, atualmente, é Pós-Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários da UNESP/FCLAr, sob a supervisão da Profa. Dra. Maria Lúcia Outeiro Fernandes, com Bolsa CAPES/PNPD.



## Introdução

Em “A educação na fé”, publicado na coletânea de ensaios *Contemplação carinhosa da angústia*, Agustina Bessa-Luís (2000, p. 338) diz: “Job é o homem moderno”. Quando retoma a personagem bíblica, a romancista portuguesa convoca cadeias associativas se valendo desse nome. Tal fato corrobora a construção rizomática do romance contemporâneo como enciclopédia aberta, sendo essa uma das marcas da poética da romancista portuguesa e da forma como as suas considerações são apresentadas. Na sentença que funciona como guia destas reflexões, há intrincado caminho entre as concepções de tradição (discurso religioso, reflexão sobre o mal) e a de modernidade (característica psíquica do mundo moderno).

A autora liga o aparentemente distante, o que está ao gosto do romance como enciclopédia aberta. A afirmação permite, então, sendas interpretativas que dialogam com outros ensaios e com a entrevista *Agustina por Agustina*, quando aponta, por exemplo, como o desejo de recolocar Deus em seu lugar privilegiado qualificaria o século XXI. Percepções como essas ajudam no reconhecimento de como a escritora foi grande intérprete do seu tempo psicocultural em prolífica obra que atravessa a segunda metade do século XX e que adentra na primeira década do século XXI.

Quatro momentos marcam este percurso reflexivo sobre a cosmovisão de Agustina Bessa-Luís, sobre o moderno, sobre a narrativa de Jó e sobre o mal; todavia, reconhece-se de antemão a brevidade da ponderação apresentada, pois essas temáticas precisam de amplo debate. No primeiro momento, discutem-se aspectos da poética e da mundividência da romancista que auxilia no entendimento de por que “Job é o homem moderno”. No segundo, privilegia-se a relação moderno e modernidade, afinal de contas, o que é o homem moderno identificado na frase, assim como se continua a discutir particularidades da produção agustiniana. No terceiro, investiga-se a tradição exegética da personagem bíblica para, dessa forma, compreender-se a junção entre o homem moderno e Jó, conseqüentemente, quais qualidades a personagem traz. Por fim, o episódio bíblico fomenta a discussão sobre o mal, tema de predileção da autora.

## Um

Agustina Bessa-Luís representa um dos nomes-chaves da literatura portuguesa do século XX. Cartografa afetos e fatos qualificadores do hoje, contudo alicerçados no ontem. Em movimento crescente, precisa de ser lida como pensadora voltada ao imaginário luso, entretanto, em maior grau, ao Ocidental. Fato esse que ajuda na construção do caráter enciclopédico da poética agustiniana, em que aparecem ampla gama de saberes e de áreas do saber, como a filosofia estética, a moral, a existencial, bem como a ponderação sobre a teologia e sobre a História. Em vista disso, torna-se interessante vislumbrar como descreve seu método de observação:

Eu sou uma escritora, testemunha sensível dos costumes, circunstâncias e discursos da

minha época. A minha tarefa é compreendê-los, tentando arrancá-los à circularidade das verdades que a angústia e o tédio autorizam num tempo medido entre a vida e a morte. (BESSA-LUÍS, 2000, p.23)

As palavras acima identificam o movimento pendular afetivo entre a angústia e o tédio qualificador da existência humana, sendo esta, nas palavras da autora, “o tempo medido entre a vida e a morte”. A angústia se apresenta como termo caro ao campo semântico da autora quer em seus romances, quer em seus ensaios, como exemplifica o título da coletânea *Contemplação carinhosa da angústia*.

Ao ser “uma escritora, testemunha sensível dos costumes, circunstâncias e discursos da minha época”, Agustina Bessa-Luís (2000) aborda esses elementos sem rodeios otimistas, o que faz com que surja ao mesmo tempo a angústia estrutural dos seres, o caráter trágico da existência e o tom cruel de muitas narrativas como *As pessoas felizes*. Entende-se o trágico como a maior presença de interrogações do que de respostas. Assim, avultam-se a ausência de sentido unitário e a de justificativa harmônica existencial como marcas do trágico, o que provoca a angústia – afeto demarcador do homem como ser que sofre a ação do tempo e da contingência e que se sente perdido em busca de respostas. Ao longo da ponderação agustiniana, tal fato se desenha tanto quando costura os caminhos ambíguos e ambivalentes de suas personagens, assim como quando apresenta os caminhos ambíguos e ambivalentes de sua leitura da contemporaneidade.

A busca por significação configura-se como um dos eixos da existência humana e as diferentes respostas ofertadas marcam a história do pensamento ocidental dos pré-socráticos aos pós-modernos. Nesse cenário em que se entreveem respostas diferentes para as mesmas perguntas, Agustina Bessa-Luís (2000) investiga a tradição (filosófica, histórica e religiosa) para encontrar contradições e formações discursivas, como exposto no ensaio “A educação na fé”, em que apresenta a sua visão de modernidade como virada epistêmica formada por forças contrastantes e complementares: “Mas se contemplarmos a oração de Job, vemos nela o padrão da dor humana que atinge sobretudo o tempo da razão” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 338). O “tempo da razão” equivale ao mundo; contudo, para investigar o mundo moderno e o padrão da dor humana, ela se volta ao discurso bíblico. A dinâmica argumentativa priorizada pela romancista visa à busca de relações e de complementariedades; não de exclusões. Isso faculta a lógica aditiva frente à alternativa.

Como referido, quando contempla o mundo moderno, Agustina Bessa-Luís (2000, p. 338) destaca: “Job é o homem moderno”. Mas o que significa ser um homem moderno? Como o discurso bíblico se relaciona com a realidade moderna? Antes de destrinchar essa oração, cabe distinguir, portanto, o que se entende por moderno e por modernidade - conceitos polissêmicos -, assim como realizar incursões sobre o pós-moderno e a pós-modernidade estabelecendo como eixo as reflexões da romancista.

## Dois

O mundo moderno possui quatro momentos-chave iniciados nos séculos XV e XVI, quais sejam, a volta, no humanismo renascentista, do culto à razão caracterizador do pensamento grego clássico do século V a.C. frente ao ideário escolástico cristão medieval; a expansão marítima e formação de um pensamento eurocêntrico alicerçado na relação endógeno e exógeno; a reforma protestante estabelecendo outras morais frente ao ato religioso; a revolução científica modificando o entendimento sobre os fatos naturais. Na concepção de Gianni Vattimo (1986, p. XVIII; grifo do autor), em *O fim da modernidade*, o mundo moderno traz a concepção de progresso, de linha ascendente: “O progresso também se torna *rotina* porque, no plano teórico, o desenvolvimento da técnica foi preparado e acompanhado pela ‘secularização’ da própria noção de progresso”. A secularização consiste em afastar o aspecto religioso em detrimento do científico.

Altera-se, assim, dialogando com Octavio Paz (2013), em *Os filhos do barro*, o sentido do tempo. Na lógica católica e do mundo medieval, consoante com a argumentação do poeta e pensador mexicano, a semântica da existência e a do tempo se configuravam no tempo sem tempo da eternidade do plano divino, pois “o tempo perfeito é atemporal” (PAZ, 2013, p. 22), assim como o espaço do divino é o da unidade e o da eternidade. Nas sociedades medievais, monárquicas, cristãs e europeias: “A vida social não é histórica, mas ritual; não é feita de sucessivas mudanças, mas consiste na repetição rítmica do passado intemporal” (PAZ, 2013, p. 22).

No mundo moderno, há a secularização da existência à proporção que se intensifica a importância da História. O ser passa a sentir e a ofertar os valores em si mesmo - não que não fosse assim antes, porém as dinâmicas psicossociais e os entendimentos coletivos eram outros. O progresso como desenvolvimento do espírito e da sociedade enquanto rumo ao melhor, ao mais moderno, ao mais científico, se exterioriza como lógica imperativa e o sentido do tempo se altera. Afasta-se da lógica teológica cristã como eixo privilegiado em detrimento da razão humana. Isso, sobretudo, não implica extinção da religião, mas sim a modificação do discurso religioso que tenta se aproximar da razão e da lógica matemática.

Acerca da modernidade, compreendem-se os aspectos psicoculturais envolvidos nas alterações da configuração da realidade e da mentalidade medievais para as do mundo moderno. O sufixo *-idade* oferta valor de identidade, de configuração emocional e identitária. Muda-se, dessa forma, a relação do sujeito com o mundo fenomênico, com os outros e consigo mesmo. Todavia, tais alterações psicossociais são lentas e não excludentes, logo, não se apaga a urgência humana da transcendência. O ser se entende como ente dotado de consciência, de valores e de autoconsciência, ou seja, se seculariza. Há um lado envolvendo dinâmicas históricas e outro envolvendo dinâmicas afetivas e emocionais, mas, claro, moderno e modernidade se coadunam e até mesmo se confundem. Com a modernidade, a semântica passa a ser construída no Eu e,

nesse ambiente, a razão ganha local de destaque como doadora de sentidos para a existência à medida que fomenta o mundo moderno alicerçado na evolução técnica e na científica.

O ente humano pensa e entende o mundo com base na sua subjetividade e nas suas capacidades, logo, sabe que pensa e que apreende as coisas apenas em si e com os seus sentidos, portanto, não acessa a Verdade, mas sim sente a historicidade e a contingência. Com a ascensão do Eu, desanuviam-se as potencialidades, os limites e as falhas da razão, bem como o arbitrário da linguagem, conforme identifica Julia Kristeva (2014), em *História da linguagem*. Tais fatos implicam consequências emocionais e a excrecência da angústia como afeto qualificador da modernidade, assim como identificado por Sigmund Freud (2011), em *O mal-estar na civilização* – civilização esta entendida como sinônimo de modernidade. Usar a linguagem equivale despertar “as coisas do silêncio que foram criadas” (BESSA-LUÍS, 2000, p.16). Ao reconhecer o *silêncio* em que as coisas foram criadas, logo, o arbitrário da linguagem, pois o fundamento enquanto verdade está mudo, o que não significa que não exista, mas sim que não se apresenta de forma lógica, o inteligível e o espírito esbarram no ininteligível, ou seja, no ilógico, no inexplicável.

Com o ilógico e com o inexplicável, assinala Agustina Bessa-Luís (2000, p. 91; grifos da autora), intensifica-se a presença da angústia e esta sobremodo marca afetivamente os seres da modernidade, pois a “*angústia* seria o sentimento da temporalidade humana”. Se o mundo moderno modifica a concepção de tempo e semelhantemente produz afetos como a angústia, uma vez que esta se liga ao tempo e o mundo moderno altera o sentido desse, consoante com Octavio Paz (2013).

Quando valoriza a importância da memória por intermédio do conceito memória do amor, central à produção da autora, Agustina Bessa-Luís acentua o tempo de uma vida como conjunto de conexões abertas e até mesmo ambíguas deixadas pelo ser. Isso acontece, quando biografava a poeta Florbela Espanca, na medida em que a romancista portuguesa realiza esse movimento ao apontar não único caminho para explicar a semântica dessa existência, mas sim rizomáticos e contrastantes desenhos para esse ser. Mas a pluralidade fomenta a angústia da indefinição, de certa forma, inexistente quando o mundo se funda na centralidade do argumento divino ou de uma única lógica impositiva para explicar a realidade.

O mundo medieval aproxima Deus dos homens com preponderância do primeiro; o mundo moderno se afasta de Deus e se aproxima dos homens pelo “tempo da razão”; o pós-moderno se afasta dos homens e novamente tenta se aproximar de Deus. Contudo, o ser humano pós-moderno não mais consegue se aproximar de Deus como antes e nem sentir a centralidade da razão como responsável pelo desenvolvimento ético e humano dos seres. Há outros tempos, outros fatos e outras mentalidades. Em entrevista realizada em 1986, quando interrogada sobre o aumento no número de pessoas religiosas, a romancista apresenta o seu entendimento para o século XXI. Agustina Bessa-Luís (1986, p. 35) entende que o foco não

deveria estar mais nas ciências e nas tecnologias, sim no desejo de retomada do sentimento religioso, “porque volta a necessidade de pôr Deus no seu lugar. Deus humanizou-se demasiado e o ser humano quer um Deus à distância, porque a perfeição tem que estar a distância. [...] de maneira que não me admiro nada que haja um recrudescer das religiões e dos mitos”.

A reflexão agustiniana, tanto sobre o aspecto existencial do homem, quanto sobre a modernidade, constantemente, dialoga com a necessidade de significação e se aproxima da ânsia de transcendência. O desejo de “pôr Deus no seu lugar” relaciona-se, portanto, com a ruptura da concepção essencialista de Verdade. A reflexão sobre o mal - um dos temas de predileção de Agustina Bessa-Luís - associa-se à temática religiosa, assim como se apresenta também como marca da transição entre o mundo moderno e o pós-moderno, bem como se configurou entre o medieval e o moderno. A autora não realiza um estudo sobre a essência da fé, mas sim sobre a necessidade antropológica dessa mesma fé.

“Deus humanizou-se demasiado” ao longo da alteração social e epistêmica, características do mundo moderno e, conseqüentemente, na consciência da modernidade. Deus se humanizou tanto ao longo do mundo moderno, que os nazistas se deram o direito de escolher quem viveria e quem morreria, quem estava na esfera do bem e quem estava na esfera do mal. O mundo pós-moderno e a conseqüente pós-modernidade iniciariam na sequência da divulgação das atrocidades cometidas na II Grande Guerra, conforme atesta Andreas Huysen (1991), em “Mapeando o pós-moderno”. Tal fato, sobretudo, não representa que se saiu de uma lógica para adentrar a outra, mas sim que compreensão diversa da dominante nos últimos séculos surgiu.

O progresso ofertado pela razão aconteceu, o mundo tecnologicamente melhorou, bem como hoje sofre-se menos de enfermidades pelos avanços científicos. Mas o progresso pode servir para matar melhor, para impor lógicas de extermínio mais efetivas e mecânicas. Portanto, progresso não implica melhoria ética, sendo este termo entendido como o conjunto de relação entre os homens, de acordo com Sigmund Freud (2011, p. 90), em *O mal-estar na civilização*: “Entre as últimas, as que concernem às relações dos seres humanos entre si são designadas por ‘ética’”. Tais relações são balizadas por juízos críticos que atendem pelo nome de moral, que se aliança com concepções como a de bem e como a de mal. Mas as ideias de bem e de mal podem ser relativas, pois valores são subjetivos. Ética e moral possuem, pois, intrincada relação.

Não sentir o terreno sólido da Verdade e a crise da razão pós-1945 configura-se como força centrífuga de dissipação da angústia como potência da indeterminação. Nesse sentido, aponta Agustina Bessa-Luís (1986), na atualidade, há anseio de recolocar a transcendência em local privilegiado, pois essa ofertava conceitos claros, o que auxilia no afastamento do incômodo da dúvida. Revalorizar o religioso - nunca inexistente nesses séculos - funciona, portanto, como tentativa de (re)estabelecer sentido pretérito e translúcido para a existência após a falência da razão como fomentadora de um mundo melhor e de relações mais éticas.

Como “testemunha sensível dos costumes, circunstâncias e discursos”, Agustina Bessa-Luís sabe que as estruturas do pensamento e a forma de decompor o plano sensível significativamente mudaram a partir de 1945. A obra dela, iniciada em 1948, com a publicação de *Mundo fechado*, atravessa a segunda metade do século XX e, como um sismógrafo, mostra percursos e poéticas caras ao novo momento, mas também ao anterior, o que ajuda a garantir o cariz enciclopédico de sua obra. Se a metaficção historiográfica surge em obras como *Crónica do cruzado Osb.*, igualmente, o sentido do discurso religioso ganha densidade em *Um bicho da terra*.

Agustina Bessa-Luís vale-se de ambivalências e de ambiguidades ao construir sua analítica da modernidade, à medida que aponta a centralidade da categoria existencial fundamental da angústia, principalmente na sequência da crise da razão. Ambivalências e ambiguidades chamam o erro - termo lido como a possibilidade de disjunção de caminhos, conforme exemplificam obras como *A corte do Norte*. Leia-se, então, esta significativa apreensão retirada de *Dicionário imperfeito*:

Quando uma sociedade aceita o significado de alguma coisa, a dúvida instala-se imediatamente, porque a sociedade compreende que toda a tentativa de reduzir as coisas a uma discriminação implica um erro. Dizem. Por isso, no domínio da política ou no domínio religioso, depois dos primeiros esclarecimentos e configurações que conduzem a uma norma, surge a contradição como medida que estabiliza a função da consciência. (BESSA-LUÍS, 2008, p. 56)

A ponderação aborda a subjetividade envolvida na noção de verdade. Esse ponto aparece quer na construção ficcional, quer nos ensaios críticos, pois a romancista recorrentemente aponta como axiologias de certos grupos foram transformadas em verdades coletivas: “Continuamente se confunde a verdade como as realidades a que nos afeiçoamos, a nossa moral, a nossa visão estética do mundo, os nossos gostos” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 346). Em outro momento, frisa: “Até hoje ninguém sabe o que ela [a verdade] é a certo” (BESSA-LUÍS, 1986, p. 24). Com expressões distintas, a autora pontua a inacessibilidade da Verdade como valor último e aplicável à totalidade. E, assim, “a dúvida instala-se imediatamente” após estabelecidas definições, já que dentro do definido há o arbitrário e os que não cabem dentro da definição. Neste sentido, em crônica que homenageia a autora, António Lobo Antunes (2017, p. 11) entende: “Os livros de Agustina são um alimento difícil porque a transgressão sistemática dos nossos conceitos racionais é metodicamente eficaz, substituindo-os por uma espécie de nudez primordial.”

Ao balizar a dúvida e a relatividade, Agustina Bessa-Luís (1986) reconhece como a realidade estabelecida por uma gama de pessoas altera a configuração identitária e subjetiva de outras. Quando determinado grupo diz o que é certo, o moralmente desejado, ou seja, confunde a sua verdade com a Verdade, seres fora dessa moral e desses gostos determinados como corretos passam a habitar a esfera do errado e até mesmo do mal. As navegações que ajudam

na construção do mundo moderno se apresentam como importantes nesse quesito, já que o bom estava no catolicismo e o diabólico nos costumes locais. Hoje a lógica se inverteu. Aqueles que almejam impor sua verdade como imperativa ocupam a esfera do mal, possuem “o fantasma da pretensão político-civilizadora” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 343). Contudo, durante séculos, padres jesuítas habitaram a esfera do desejado e do correto e a impuseram aos estabelecidos como diferentes. Todavia, tanto o lado eufórico, quanto o disfórico são construções discursivas ficcionais que alteram relações entre os seres e os conceitos que os circundam. Retoma-se igualmente a discussão sobre o arbitrário da linguagem.

Em *Poética do pós-modernismo*, Linda Hutcheon (1991) vale-se de percepção similar quando estabelece o conceito de cêntrico e o de ex-cêntrico. No primeiro, identifica as ficções desejadas; no segundo, as indesejadas. Ambas imperam na forma como a realidade é lida e decomposta pelos homens. Nessa linha argumentativa, a crítica canadense identifica como a ficção pós-modernista, no tempo pós-moderno, se volta aos silêncios da História aspirando a apontar arbitrariedades e injustiças, assim como estéticas e plasticidades do passado se misturam com as do presente para quebrar com a tradição da ruptura, segundo Octavio Paz (2013). Retomando termos agustinianos, autores diversos almejam instalar a dúvida “imediatamente, porque a sociedade compreende que toda a tentativa de reduzir as coisas a uma discriminação implica um erro”; discriminação no sentido de diferenciar, de determinar. Erro, como pontuado, como possibilidade de outro caminho, logo, como bifurcação, como rizoma, como errância.

Realizado este sucinto percurso sobre o moderno e a modernidade ainda fica a necessidade de ponderar por que Agustina Bessa-Luís aproxima Jó do homem moderno. Sabe-se que marcam o homem moderno a crença na razão e no progresso, bem como possui outra experiência do tempo à medida que sente o mal-estar da civilização e a angústia. O homem moderno busca explicações em si, pois se afasta de deus e se seculariza. Mas Jó também procurou explicações para suas vivências, questionou-se e até mesmo interrogou a Deus à proporção que conhece com base na experiência do mal e do limite da razão.

### Três

Quando argumenta que “Job é o homem moderno” (BESSA-LUÍS, 2000, p. 338), a autora utiliza jogos relacionais e a aporia do mal, ao convocar a sabedoria hebraica. Chama conceitos que se expandem em associações e que abrem campos semânticos diversos. Tal atitude faculta a feição rizomática característica da argumentação, isto é, a conexão do que parecia distante, como a personagem bíblica Jó do universo hebraico e o mundo moderno iniciado a partir dos séculos XV e XVI.

Antes se interrogou o motivo de Jó ser o homem moderno. Em vista disso, foi necessário identificar o que seria o homem moderno, por conseguinte, o que seria o mundo moderno e a modernidade, pois Agustina Bessa-Luís construiu uma generalização mediante a metáfora

estabelecida, em termos morfosintáticos, entre o sujeito “Jó” e o predicativo do sujeito “homem moderno”. Ou seja, ligou qualidades ao sujeito de forma direta. Todavia, a aproximação possui traços irônicos, uma vez que não há redenção para o homem moderno como, de certa forma, houve para Jó. Por outro lado, ambos não conseguem obter as respostas almejadas.

Se Jó traz qualidades a ponto de elas serem as do homem moderno, então, quais são? Em *O problema do mal: mito, razão e fé*, Étienne Borne (2014, p. 91) acentua:

O velho Jó é todo o povo judeu reunido numa única figura, sofredor, pedindo razão ao seu destino; ele também é o filósofo, refletindo sobre o paradoxo da condição humana, transformando a afirmação em interrogação. Em Jó, a consciência judia e a filosofia sentem o mal como paixão e pensamento.

Há elementos no trecho supracitado que dialogam diretamente com o processo de composição da autora. Jó transforma “a afirmação em interrogação”, Agustina Bessa-Luís privilegia movimento similar, conforme atestam duas paradigmáticas sentenças. A primeira encontra-se no romance *As pessoas felizes*, de 1975: “Não há uma resposta que não se possa transformar numa pergunta” (BESSA-LUÍS, 2006, p. 90). A segunda está em *Agustina por Agustina*: “Penso que o diálogo só acontece quando a dúvida se instala” (BESSA-LUÍS, 1986, p. 11). Pode-se também - como complemento desta discussão - convocar a reflexão citada sobre a contradição retirada de *Dicionário imperfeito*.

O ponto-chave da metodologia argumentativa agustiniana consiste em indicar arbitrariedades à medida que reconhece a força das perguntas e a qualidade ambígua e subjetiva das respostas. Estas últimas antes ofertadas pela lógica inerente aos grandes sistemas metafísicos interpretativos caros ao pensamento forte, como o cristianismo e o marxismo. O cristianismo oferece sentido à existência apesar das inúmeras contradições existentes na *Bíblia*, conforme atesta Frederico Lourenço (2019, p. 19): “[...] nem todos os livros pressupõem o mesmo entendimento do Deus de Israel”. Hoje, no pós-moderno, generalidades e teleologias estão em choque pelos mecanismos fragmentados e falhos frutos do pensamento fraco, conforme explica Gianni Vattimo (1996), em *O fim da modernidade* - falhos no sentido de compreensão da especificidade e da relatividade das respostas oferecidas. Na esteira dessa reflexão, quando discute o romance contemporâneo como enciclopédia aberta, compreende Italo Calvino (1990, p. 131): “Hoje em dia não é mais pensável uma totalidade que não seja potencial, conjectural, múltiplice”.

A interrogação enfraquece o pensamento forte intrínseco aos modelos metafísicos, políticos e religiosos. Todavia, ela faz parte da estrutura e da semântica do episódio de Jó e este representa o homem moderno, na concepção agustiniana. Se tudo pode ser transformado em pergunta, então, não existe resposta definitiva quer vinda da ciência, quer vinda da transcendência, o que cria o impacto da ausência de certeza e a excrescência da tonalidade afetiva da angústia. O sistema religioso equivale a um doador de valores e de sentidos para a existência. Sofre-se, na

vida terrena, para usufruir as maravilhas do paraíso, mas antes dele o ser passa pela dor da vida terrena. A fé religiosa expressa a crença na explicação ofertada por determinado sistema aceito pelo indivíduo como fomentador da verdade e questioná-la pode acarretar conflitos, no caso de Jó, com Deus e com as outras personagens.

Agustina Bessa-Luís (2000) têm ciência das contradições do discurso religiosos, mas igualmente tem ciência de que a necessidade de religião revela aspectos da condição humana que busca significância para si e no além de si. Dessa forma, os seres aspiram a negar a crueldade e suficiência do real. Em vista disso, em *O princípio da crueldade*, Clément Rosset (1989, p. 13) pondera sobre os mecanismos compensatórios empregados ao longo da história das ideias para mascarar o mistério da existência:

O pensamento da insuficiência do real – a ideia de que a realidade só poderia ser filosoficamente levada em conta mediante o recurso a um princípio exterior à realidade mesma (Ideia, Espírito, Alma do mundo, etc.) destinado a fundá-la e explicá-la, e mesmo a justificá-la – constitui um tema fundamental da filosofia ocidental.

Sistemas metafísicos e teleológicos, quer religiosos, quer políticos, estes, principalmente, na Modernidade, oferecem significâncias aos seres à medida que aspiram a apagar a crueldade do real, segundo entende Clément Rosset (1989, p. 16), em *O princípio da crueldade*: “Por crueldade do real entendo em primeiro lugar, é claro, a natureza intrinsecamente dolorosa e trágica da realidade”. Enfatiza-se a urgência do trágico pela força mais das perguntas do que das respostas. Movimento epistêmico encontrado tanto no episódio de Jó, quanto na argumentação agustiniana. Traceja-se um caminho a encarar o nada, o tempo, o incerto e o mal. A natureza trágica da realidade equivale ao entendimento de como a essência não se apresenta e, assim, aquela se mostra como suficiente, ou seja, sem sentido para além da realidade factual.

Clément Rosset (1989) assinala que o termo crueldade possui a mesma raiz de cru. Especificar a crueldade da realidade significa lê-la de forma crua, despida dos seus ornamentos, consequentemente, enxergar a existência de forma similar à proporção que se tenta responder: o que é a condição humana sem os adornos metafísicos? Após o conjunto de falências dos grandes sistemas doadores de sentido, principalmente, no mundo pós-moderno, a força do nada como o indefinido ganha volume, pois o pensamento forte quebrou e, assim, o homem se depara com diferentes ruínas - outro termo caro ao campo semântico a obra de Agustina Bessa-Luís. No entanto, como a filosofia inerente ao Romantismo ilustra, o sentimento de mal-estar diante da configuração do mundo moderno aliada ao sentimento da modernidade como progresso e melhoria ética e tecnológica caracteriza o homem. Mal-estar também sentido por Jó.

Jó representa o ser que pergunta, porém não obtém resposta. Apesar de dialogar com outras quatro personagens (Elifaz, Bildade, Sofar e Eliú), ele se depara com discursos mais acusativos do que explicativos para justificar a condição sofridora. Nesse sentido, a multiplicidade de vozes corrobora a ausência de sentido do sofrimento que não seja a arbitrariedade divina, segundo

atesta Frederico Lourenço (2017). Jó sofre provações e necessita de encontrar o sentido delas em si mesmo, em sua crença, em sua individualidade, termo este caro ao mundo moderno. Lança perguntas e busca razões: “Instrui-me, e eu me calarei; dai-me a entender em que errei! Como podem ser ofensivas palavras justas? E como podeis me censurar e repreender? Seriam palavras o que pretendeis censurar? Acaso, o desesperado fala ao vento?” (BÍBLIA, Jó, 6, 24-26). Nos capítulos finais, Deus se irrita com as perguntas da personagem e fala com o sofredor não para se justificar, porém para afirmar a soberania divina e os limites da razão humana. Assim, apesar das muitas personagens, Jó não obtém respostas e continua a se sentir angustiado.

Nesse sentido, diz a personagem: “Por isso não mais calarei minha boca; falarei na angústia do meu espírito, farei queixa na amargura de minha alma” (Jó, 7, 11). Parte das personagens e o narrador em terceira pessoa onisciente agustiniano fazem a mesma coisa, isto é, lançam perguntas e reafirmam a angústia de não obterem respostas. Metodologia estrutural com efeitos semânticos em *Jó* e igualmente metodologia estrutural e com efeitos semânticos em Agustina Bessa-Luís. Por outro lado, apesar do seu caráter angustiante, a inquirição fortalece o espírito, pois fomenta a certeza da incerteza, a importância de (re)avaliar valores e os limites da autossuficiência e da capacidade de compreensão, como acontece no episódio bíblico.

A dúvida igualmente simboliza uma das bases da modernidade filosófica, conforme elucida René Descartes, no *Discurso do método*. Todavia, o racionalismo cartesiano significa o uso da razão para entender melhor a realidade e, desse modo, melhor entender a Deus. Com a instauração da dúvida, estabelece-se um método que visa à obtenção de respostas. Nesse processo, toma-se “contacto com a dor humana e com a fragilidade dos seus conceitos” (BESSA-LUÍS, 2000, p.339). A fragilidade dos conceitos equivale a sentir a incerteza como parte elementar da existência e ter contato com a relatividade dos conceitos estabelecidos como definidores da existência equivale a perceber a angústia da incerteza como parte responsável pelo desejo de recolocar Deus em seu devido lugar na contemporaneidade.

Étienne Borne (2014, p. 91) identifica em Jó elementos que Agustina Bessa-Luís considera formadores do mundo moderno e caros ao campo semântico discutido ao longo da vasta obra da autora lusa, como a angústia da dúvida e presença do mal “como paixão e pensamento”. O episódio bíblico focalizado permite, pois, o movimento entre temas clássicos bíblicos e temas contemporâneos, pois vislumbra o “paradoxo da condição humana” (BORNE, 2014, p. 91) de ontem e de hoje, como reconhece Agustina Bessa-Luís (2000). Nota-se, portanto, como *Jó* ensina, em um primeiro momento, sobre a arbitrariedade e sobre a dúvida.

Esse texto faz parte dos livros sapienciais da Bíblia, seção esta que visa a apresentar como a sabedoria quer ancestral, com os *Salmos*, quer “existencial”, com *Jó* e *Eclesiastes*, chegou aos homens. Nesse sentido, em “Hebreus: Jó e Eclesiastes”, presente em *Onde encontrar a sabedoria*, Harold Bloom (2005) dá especial relevo ao livro de *Jó* e ao *Eclesiastes*. Então, além dos elementos apresentados, como Jó oferece sabedoria aos homens, em especial, ao homem moderno? A pergunta é pertinente, já que Agustina Bessa-Luís (2000) o coloca como o sujeito do predicativo moderno, assim como essa problemática aparece explícita no texto bíblico:

“Mas a sabedoria, onde é que se encontra? Onde está o lugar da inteligência” (BÍBLIA, Jó, 28, 12). Essa inquirição ilustra a contemporaneidade do texto bíblico valorizada por Agustina Bessa-Luís (2000).

No caso de Jó, a personagem bíblica ensina a negação do aspecto autossuficiente e autojustificado da existência à medida que ganham força a contingência e a consciência do pó, termo este recorrente ao longo do texto bíblico focalizado. O homem moderno creu conseguir ir além do que realmente conseguiria. Harold Bloom (2005, p. 17) discute como a literatura da sapiência não traz conforto, pois “ensina a aceitar os limites naturais”. Em *Jó*, texto “complicado e ambivalente” (BLOOM, 2005, p. 25), o discurso final de Deus revela esse aspecto e, no mundo moderno, a fé na razão encobriu a condição suficiente dos homens, isto é, os limites da compreensão e da consciência dos seres. De forma retórica para demarcar isso, Deus responde a Jó com outras perguntas sobre os enigmas do universo.

A personagem bíblica tenta ir além do que realmente podia ou conseguiria. O homem moderno também. Desse modo, outro ensinamento ofertado por Jó se alicerça no fato de que o ser humano precisa igualmente questionar a crença de que merece sempre o melhor, principalmente, se age de forma correta. A relação causa e efeito não é lógica, bem como o mal existe. A ideia de construção de um mundo superior é cara ao mundo moderno e à consciência da modernidade. Por outro lado, o juízo da falência do ideal de progresso como avanço ético e existencial auxiliou na composição do pós-moderno e da pós-modernidade, principalmente, na segunda metade do século XX. Não à toa a crise da razão simboliza uma crise existencial, já que esta funciona como depositário das esperanças. Crise lida no sentido de busca de outros caminhos após o percorrido não ser mais o ideal.

Jó também demonstra que não se deve cobrar explicações de Deus; todavia, Ele foi intensamente questionado após a divulgação da existência dos campos de concentração. Nesse ambiente, os termos para a reflexão contemporânea sobre o mal se delineiam, conforme atesta a filosofia de Hannah Arendt. O discurso final de Deus no redemoinho demonstra como o ser humano representa algo pequeno para cobrar explicações divinas, assim como, em outros momentos, o silêncio transcendental revela como o sentido unitário não existe ou não se entrega. A grandiosidade de Jó vem do fato de ele, apesar da arrogância de exigir explicações de Deus, no fim, saber que é pequeno na sua resiliência e na lida com a intensidade de sua dúvida. Aí se traceja o lado irônico da associação agustiniana da personagem bíblica com o homem moderno, pois este se achou Deus e se descobriu Jó. Um Jó arrogante e sofredor que não sabe reconhecer a sua pequenez. Ao privilegiar a razão, o homem moderno se sente mais digno e grandioso do que realmente é; no entanto, ainda continua incapaz de responder inquirições básicas sobre o sentido da existência apesar dos avanços tecnológicos.

A oração presente em “Educação na fé” aproxima o “homem moderno” e “Jó” mediante o sofrimento. Nota-se como a autora optou pelo uso do artigo definido “o”, em vez do “um”. O uso do artigo definido implica reconhecer que a personagem bíblica foi o precursor da modernidade antrópica. Os sentidos de “Jó é um homem moderno” e “Jó é o homem moderno”

são distintos. A romancista reconhece que Jó foi o “primeiro exemplar” de ser humano sofredor e de indivíduo que sentiu o mal em sua existência, mas também de ser que questionou e que exigiu explicações à transcendência. Em *O Manto*, Agustina Bessa-Luís (2016) se vale de ideia similar quando parte do pressuposto de que todos os seres humanos são filhos e filhas de Jó. O título previsto para a obra de 1961 era *Os outros filhos de Job*, porém a ideia de um manto que cobriu o pai e agora cobre toda a descendência oferece mais intensidade simbólica ao não oferecer associação tão direta

Com tal escolha, evidencia-se a potência semântica presente em *O Manto* à medida que ilustra a “sabedoria do aniquilamento” (BLOOM, 2015, p. 43), isto é, a condição sofredora, questionadora e de pó dos seres. O manto de Jó comum a todos é talhado na subjetividade de cada ser e no tempo de uma vida. Entender o simbolismo do manto de Jó representa ato de sabedoria, em que o homem (moderno e pós-moderno) precisa de aprender o que a personagem bíblica aprendeu. A subjetividade necessita de notar os meandros da existência entre o glorioso e o absurdo. Como frisa o crítico norte-americano, a sabedoria é severa e trágica; não representa algo confortável tanto em *Jó*, quanto no *Eclesiastes*: “Se, em Jó, a sabedoria é cara demais para ser confirmada, em Coélete [*Eclesiastes*], todo o saber se torna pessoal, fragmentos de uma confissão” (BLOOM, 2005, p. 40). Em *Jó*, retomando Étienne Borne (2014), a força das perguntas, ou seja, a ausência de sabedoria única “cara demais para ser confirmada”, se revela de forma evidente. Por outro ângulo, talvez a sabedoria única ofertada seja que não existe uma única resposta, conforme defende Agustina Bessa-Luís.

*Eclesiastes* representa o livro da graça no sentido de que você existe por vontade divina e que, no seu lugar, poderia haver apenas pó se Deus assim quisesse. Harold Bloom (2004) identifica temas como destino e acaso, típicos do ideário pagão, nesse livro da sapiência. Segundo a argumentação dos livros sapienciais, há fina linha, sem a presença divina, entre o ente e o nada. Aprender a pequenez e os limites do humano ajudam na percepção das grandiosidades, argumenta Agustina Bessa-Luís (2016) dialogando com *Jó*. Mas antes de o homem se colocar como centro, como faz no mundo moderno, precisa de compreender que poderia não haver nada, que há limites para o explicável, que a dúvida existe de forma intrínseca, angustiante e que esses traços definem a existência humana, isto é, antes de se achar Deus, o ser humano precisa compreender que é mais pó do que Deus.

O homem moderno se esqueceu disso, mas a filosofia romântica e a existencial, principalmente, de Soren Kierkegaard funcionam como lembretes. Constantemente carregando o manto de Jó, o ser busca semânticas para si e para a existência ao longo da duração da vida, marcada pela historicidade e pela mortalidade, até quando “acaba a história do homem” e este “cai no pó”. Ao se interrogar por que sofre e por que o mal existe e aflige quem não cometeu faltas, Jó se depara com a condição suficiente, isto é, com os limites das explicações e aí está o ato de sabedoria. Reconhecer o princípio da realidade suficiente significa despi-la da metafísica e encarar essa nudez, ou melhor, a condição de pó. De forma complementar, já que o ser existe por vontade divina, Jó mostra a sabedoria no sofrimento, por sua vez, os limites da autossuficiência e do autojustificado, mas não, como pontuado, a ausência da dúvida. Tal percepção

soa mais como antimoderna do que moderna. Por outro lado, segundo Octavio Paz (2012), o desejo de não ser moderno ao estabelecer rupturas se configura como um dos aspectos-chave do moderno e do espírito da modernidade.

O mundo moderno, conforme apresentado, equivale ao “tempo da razão” (BESSA-LUÍS, 2000, p.338), ou seja, do homem mergulhado em sua interioridade, em sua lógica argumentativa e explicativa, mas também em paradoxos. De forma geral, a narrativa bíblica e a agustiniana são ricas exatamente por sua ambiguidade, ou seja, possibilidades de leituras divergentes, logo pelos paradoxos que carrega. Nesse sentido e reconhecendo certa ironia, a autora entende a personagem bíblica como o homem moderno, porque Jó simboliza a busca da razão, mas também simboliza o ser que percebe limites. Mas existe o paradoxo qualificador dessa narrativa, então, qual é e também por que Agustina Bessa-Luís se interessa por esse tema?

## Quatro

Etienne Borne (2014, p. 91) reconhece o “paradoxo da condição humana” (BORNE, 2014, p. 91) existente na narrativa de Jó, mas também (ou principalmente) da natureza de Deus. Frederico Lourenço (2017, p. 64) toca nessa questão, quando acentua que Jó “levanta [...] as perguntas fulcrais sobre a existência de Deus e, existindo Ele, sobre a sua natureza”. Mas qual face da natureza de Deus? A do mal.

A ponderação acerca do mal faz parte da temática-chave da romancista, conforme atesta Silvina Rodrigues Lopes (1992), em *Agustina Bessa-Luís: as hipóteses do romance*, especificamente, no capítulo “O mal. Job. Hamlet”. Em relação à personagem bíblica, a crítica portuguesa entende: “A prosperidade de Job, que admite amar a Deus sem precisar de uma razão, assinala a impossibilidade de ser em absoluto alheio ao mal: o sofrimento não é esquecido” (LOPES, 1992, p. 71). A personagem pode amar a Deus sem uma razão, mas ela almeja saber por que sofre, conforme visto. Quando o sofrimento não é esquecido, o mal não é reparado e, no caso de Jó, quem o causou foi o Deus retratado no Velho Testamento. Assim, o texto bíblico convoca o paradoxo da natureza divina destacado por Frederico Lourenço: a questão do mal.

Devido ao terreno religioso utilizado pela autora para definir o homem moderno e pela aproximação entre mal e sofrimento cabe interrogar: o que é o mal? Em relação a esse conceito, Étienne Borne (2014) frisa, primeiramente, a necessidade de separar crueldade e violência como sendo definições em si do mal, já que o termo se desdobra em mal carnal, mal moral e mal existencial; em outras palavras, sofrimento físico, falta cometidas pelos homens em suas ações e dúvida existencial. A reflexão sobre o mal permite questões como estas: como os homens lidam com o incerto? O mal coteja a injustiça e o sofrimento, então, por que existem se o mundo foi criado por um Deus estruturalmente bom? Deus comporta o mal em si? Acentuam-se, desse modo, paradoxos e tensões qualificadoras da existência.

Um dos paradoxos da condição humana e do Deus retratado em *Jó* consiste no problema da teodiceia, isto é, como o mal existe se o mundo foi criado por um Ser bom e se o homem

representa a imagem e a semelhança desse Deus, então, como ele traz em sua essência o mal. Por isso, Frederico Lourenço (2017) aponta a questão da natureza divina como um dos eixos centrais da narrativa sobre Jó. A personagem não comete falta moral para ser castigada, mas vive a presença do mal e a angústia da dúvida, como diz a personagem em discurso direto no citado capítulo 7 versículo 11. Nesse sentido, em *O mal e o sofrimento*, Louis Lavelle (2014) reconhece que o mal escandaliza.

No episódio bíblico, Deus se apresenta como ser orgulhoso. Jó não sabe o motivo de seu sofrimento, mas o leitor sim: o orgulho divino. Então, o Deus do Velho Testamento representado comporta, em sua natureza, o mal. Em vista disso, Frederico Lourenço (2017) considera *Jó* como livro perturbador, pois o texto fomenta a reflexão sobre a teodiceia e sobre a natureza divina. Jó vivencia o mal irreparável, conforme atesta Étienne Borne (2014), pois as benesses divinas do fim, descritas no capítulo 42, não suprem a falta anterior. Novos filhos não substituem os antigos mortos. O mal se crava na memória dos seres e, como disse Silvina Rodrigues Lopes (1992, p. 71), “o sofrimento não é esquecido”. Nesse sentido, a memória, tão importante à produção agustiniana, ganha roupagens mais densas.

A reflexão sobre o mal convoca também a ponderação sobre o estabelecimento de sentidos. Estabelecer significados e positivities consiste em dar a certas definições eufóricas o nome de bem, conforme apresentado nos conceitos de cêntrico e ex-cêntricos propostos por Linda Hutcheon (1991), que reaparece neste tópico de forma similar, mas com outra roupagem. A discussão sobre o bem remete ao entendimento platônico presente na *República*, pois esse foi lido como a unidade e a perfeição. Ou seja, como o que não aceita ambiguidades. Nesse aspecto, em “A definição do mal”, argumenta Louis Lavelle (2014, p. 52):

Segundo as palavras de um pensador da Antiguidade, o bem ter caráter finito, ao passo que o mal tem caráter infinito. Reconhece-se aqui a concepção comum a todos os gregos que o finito é o rematado e o perfeito, aquilo a que nada falta, ao passo que o infinito é o indeterminado, a desordem, o caos, aquilo que carece de tudo o que poderia conferir-lhe um sentido e um valor, isto é, o ato do pensamento que permitiria organizá-lo, circunscrevê-lo e apropriar-se dele.

O discurso idealista metafísico qualificador da tradição filosófica ocidental funciona como tentativa de apagar o mal, na medida em que unidade e totalidade - atributos do bem - representam categorias essenciais ao discurso de “justificação universal” (BORNE, 2014, p. 133) e de Deus. A fala final do Ser unitário, no episódio de Jó, caminha nesse sentido, pois ao não se explicar, ele utiliza da “justificação universal”, pois Ele é bom, porque entende mais e melhor.

Mas o pensamento fraco, principalmente, no pós-moderno, seguindo Gianni Vattimo (1996), quebrou com as lógicas de justificação universal. Intensificou-se a presença do mal na sociedade pós-moderna e o desejo de recolocar Deus, como portador do bem, em seu devido lugar, segundo entendimento da autora. Revela-se, nesse desejo, a supressão de uma das várias faces de Deus identificadas no Velho Testamento: a cruel. Em vista disso, de acordo com Frederico Lourenço (2017, p. 71): “A questão é maravilhosamente complexificada pelo (por

isso) maravilhoso livro de Jó, pois o que está aí em causa é uma história de extermínio e de sofrimento sem relação causa/efeito.” Isto é, uma história sem justificação e do mal factual como indefinição e como arbitrariedade.

As representações de paraíso (transcendentais ou almejados historicamente) mimetizam o local do bem, portanto, o espaço sem ambiguidade e sem conflito. Criaram-se, desse modo, as linhas (utópicas) do desejado e do esperado e a forma como uns foram vistos como portadores do bem e outros do mal. Mas o homem não vive nesse local perfeito e todos são filhos de Jó e sentem a presença da dúvida, do mal e da iniquidade, bem como vivem no campo do indefinido, do incerto, do duvidoso, da contingência, do absurdo e da angústia. Tais afetos receberam o nome de mal e foram entendidos como inesperados e indesejados.

O bem foi lido, portanto, como o significado, o desejado e o definido; o mal, como o não significado, o indesejado e o indefinido. Refletir sobre o mal, como constantemente faz a autora em seus ensaios e em seus romances, significa, pois, ponderar sobre o absurdo. No capítulo “O mal”, Louis Lavelle (2014, p. 41; grifos nossos) interroga: “a ideia e a *vontade do bem* [...] devem conferir à nossa alma a luz e a força e ao ocupar toda a capacidade de nossa consciência, *retirar do mal* sua própria possibilidade de nascer?”. O trecho ganha mais clareza quando se substitui os termos destacados por *vontade de definição* e *retirar da indefinição*. Ao se definir, não se abre espaço para o indefinido. No entanto, a meditação sobre o mal traz ambiguidades e ambivalências à medida que focaliza o arbitrário e o acaso. A vivência do absurdo é mais significativa, intensa e presente no dia a dia do que a do que bem e ambos os termos possuem espaço para relativização e esta abre o espaço para o incerto e o incerto para a angústia. Eis que se está em uma dinâmica reflexiva bem ao gosto de Agustina Bessa-Luís e o seu constante interesse pelo mal.

Jó usa da razão e da experiência para apreender a lógica do mal e, assim, tentar vencê-la pela busca de definições, de respostas; no entanto, ele não consegue. As respostas não chegam e o indefinido continua a existir mesmo quando a falta é reparada. Sobressai do episódio bíblico uma razão mergulhada na fé, mas uma fé que aceita a inquirição à medida que dialoga e, mais do que isso, interroga a transcendência. Avulta-se a necessidade de interrogação e de quebra de eixos definidores nem que seja para depois, com mais força de espírito, reafirmar estruturas ou modificá-las com mais consciência. Por isso a romancista o entende como o homem moderno. Agustina Bessa-Luís (2000) focaliza esse caminho ao ponderar sobre o episódio bíblico e sobre a modernidade e considera o ato de *realmente* questionar um gesto de grandeza de espírito.

### **Considerações finais**

Em *Jó*, a romancista encontra elementos estruturais, temas e mecanismos qualificadores da indeterminação da condição humana. Identifica um homem que sofre, mas que não deixa de ser arrogante; um ser que se questiona e que sente a força da contingência e do arbitrário da existência. Desenham-se os motivos da aproximação da personagem bíblica com o homem moderno. Apesar de não ser uma mulher religiosa, Agustina Bessa-Luís leu a *Bíblia* em seu

aspecto histórico, psicológico e antropológico, logo, reconheceu o muito que textos como o de *Jó* revelam sobre a natureza dos homens e sobre a natureza do mal. Ambos temas que a instigam não a pensar uma realidade utópica, nem distópica, mas sim próxima do banal qualificador da existência real.

Os problemas do mal escancaram o lado incompreensível e injustificável, o que faculta a angústia, sendo esta uma “inquietação fundamental do homem”, segundo Étienne Borne (2014, p. 22). Destaca-se que “a angústia é, portanto, conhecer o mal” (BORNE, 2014, p. 39). Ou seja, lidar com o absurdo, com o incerto, com a temporalidade e com a ausência de teleologia. O livro de ensaios de Agustina Bessa-Luís (2000) se chama *Contemplação carinhosa da angústia* e representa a investigação sobre o incerto, sobre a temporalidade, sobre a dúvida com base em diferentes aspectos que vão do processo de produção literária à história portuguesa, bem como passa pela religiosidade e pela autoria feminina.

Ao ler o texto agustiniano, fica-se com a sensação de que é necessário ir muito além, é preciso buscar outras associações e outros diálogos, conforme movimento esperado pelo uso das cadeias associativas qualificadoras do romance como enciclopédia aberta. A discussão acerca de uma oração retirada de um ensaio evidencia a necessidade de se percorrer labirínticos caminhos. Nessa caminhada, há a constante impressão de que muito ficou por dizer. A argumentação Agustina Bessa-Luís quer exatamente provocar isso. No entanto, dentro do escopo de uma autora enciclopédica, cabe reconhecer, retomando Ítalo Calvino (1990, p. 122): “De qualquer ponto que parta, seu discurso se alarga de modo a compreender horizontes sempre mais vastos, e se pudesse desenvolver em todas as direções acabaria por abraçar o universo inteiro”.

No jogo de associações estabelecido pela autora, a ponderação sobre o moderno se aproxima da ponderação sobre o mal e o episódio de *Jó* se apresenta como campo de reflexão para identificar traços do homem de ontem e de hoje que continua se interrogando e não obtendo respostas. A personagem bíblica é o homem moderno pela percepção da ausência de sentido, pela abrangência das perguntas, bem como pela vivência do mal como elemento estrutural da realidade fática. Se desanuvia igualmente assim uma das razões pelas quais uma escrita que privilegia a dúvida como poética se interessa tanto pela temática do mal e pelo discurso bíblico, uma vez que este se apresenta como local de predileção para identificar paradoxos e ambivalências tão importantes à contemporaneidade e à produção de Agustina Bessa-Luís.

## Referências

ANTUNES, António Lobo. Agustina. *Visão*. Lisboa, n° 1285, p. 10-11, jun. 2017.

BESSA-LUÍS, Agustina. *Agustina por Agustina*. Entrevista concedida a Artur Portela. Lisboa: Dom Quixote, 1986.

\_\_\_\_\_. *As pessoas felizes*. 2. ed. Lisboa: Guimarães, 2006.

\_\_\_\_\_. **Contemplação carinhosa da angústia**. Lisboa: Guimarães, 2000.

\_\_\_\_\_. **Dicionário Imperfeito**. Lisboa: Guimarães, 2008.

\_\_\_\_\_. **O Manto**. Lisboa: Babel, 2016.

BÍBLIA. A. T. Jó. In: BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**: contendo o antigo e o novo testamento. 51. ed. Tradução de Luís Stadelmann. Petrópolis: Vozes, 2012. p.651-681.

BLOOM, Harold. Hebreus: Jó e Eclesiastes. In: \_\_\_\_\_. **Onde encontrar a sabedoria?** Tradução de José Roberto O’Shea. Rio de Janeiro: Objetiva, 2005. p. 23-43.

BORNE, Étienne. **O problema do mal**: mito, razão e fé. Tradução de Margarita Maria Garcia Lamelo. São Paulo: É Realizações, 2014.

CALVINO, Italo. **Seis propostas para o próximo milênio**. Tradução de Ivo Barroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

FREUD, Sigmund. **O mal-estar na civilização**. Tradução de Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

HUTCHEON, Linda. **Poética do Pós-Modernismo**: história, teoria, ficção. Tradução Ricardo Cruz. Rio de Janeiro: Imago, 1991.

HUYSSSEN, Andreas. Mapeando o pós-moderno. In: HOLLANDA, H. B. de (org.). **Pós-modernismo e política**. Tradução de Carlos A. de C. Moreno. Rio de Janeiro: Rocco, 1992. p.15-80.

LAVELLE, Louis. **O mal e o sofrimento**. Tradução de Lara Cristina de Malimpensa. São Paulo: É Realizações, 2014.

LOPES, Silvina Rodrigues. **Agustina Bessa-Luís**: as hipóteses do romance. Rio Tinto: Editora Asa, 1992.

LOURENÇO, Frederico. Introdução. In: **Bíblia**: os livros proféticos. Tradução de Frederico Lourenço. São Paulo: Companhia das Letras, 2019. p. 17-34.

\_\_\_\_\_. **O livro aberto**: leituras da Bíblia. Rio de Janeiro: Oficina, 2017.

PAZ, Octavio. **Os filhos do barro**: do romantismo à vanguarda. Tradução de Ari Roitman e Paulina Wacht. São Paulo: Cosac Naify, 2013.

ROSSET, Clément. **O princípio da crueldade**. Tradução de José Thomaz Brum. Rio de Janeiro: Rocco, 1989.